

TRANÇA DE HISTÓRIAS A CRIAÇÃO LITERÁRIA DE ANA MARIA MACHADO

Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu

Talvez a palavra-chave deste livro seja Vão um (super) sobre-
vôo pela obra de Ana Maria Machado, consagrada escritora de Literatura
que, em 2000, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, o mais presti-
gioso Prêmio Internacional para autores de livros para crianças e jovens.
Não por acaso, em 2001, recebeu um outro prêmio — Machado de Assis
—, o maior concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Assim, *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Ma-
ria Machado*, organizado por Maria Teresa Gonçalves Pereira, Professora
Titular de Língua Portuguesa da UERJ e Benedito Antunes, Professor de
Literatura Brasileira da UNESP, apresenta as múltiplas leituras da con-
sagrada e fundamental obra desta autora da Literatura Brasileira, tran-
çando com dez autores os sobrevôos pelos diversos textos de Ana Maria
Machado, proporcionando aos leitores um estudo criterioso da qualida-
de literária, não só no que tange à temática por ela desenvolvida, mas
também ao estudo das pistas lingüísticas marcadas em sua obra. A conse-
qüência destes planos textuais — lingüísticos e temáticos — é a reper-
cussão do importante papel de seu fazer literário na formação de leitores
críticos.

Os fios textuais são trançados neste conjunto de textos que es-
tuda a obra ANA MachadiANA, que apresenta paradoxo instigante — obra
de excelência, tão premiada, de um país de tão altas taxas de analfabetis-
mo. É esta a visão registrada no primeiro fio da trança manuseado no tear
de Marisa Lajolo, registrado sob o título “Teoria literária, literatura Infan-
til e Ana Maria Machado”. Tal paradoxo pode representar um possível
indício da maturidade da literatura infantil e juvenil brasileira contempo-
rânea, corroborada na freqüente tradução de livros brasileiros, na premiação,
que outros autores, no cenário brasileiro, têm recebido. Partindo desta pre-
missa, Lajolo postula a existência de um conjunto de subsistemas dentro

do sistema literário, caracterizado pela identificação de gêneros específicos, de “determinados veículos ou de certos públicos – alvos”, configurando-se de forma específica para este subsistema os elementos, tais como: autor, obra e público. Evidentemente, concentra-se no público sua especificidade maior, visto que por definição dirige-se ao público com determinadas características.

Entre subsistema e maturidade da literatura infantil, Lajolo sobrevoa Ana Maria Machado, demonstrando a influência que Monteiro Lobato exerce sobre nossa autora, que traz “o ponto zero de sua obra” no ponto de chegada de Lobato. Aspectos como o perfil feminino, a pluralidade cultural, a musicalidade, os diferentes Brasis, os conflitos de sexualidade são recorrentes na Obra MachadiANA. O ponto de contato entre estes dois grandes autores está exatamente em terem sabido ser pioneiros cada qual em seu tempo: Lobato, entre 1920 e 1949, em seu engajamento na construção de um Brasil melhor, solidarizando-se com o mundo infantil; Ana Maria Machado amplia esta voz, dando destaque ao papel da mulher, sintonizada também com seu tempo, com seu povo, sua terra Brasil.

O segundo fio da trança é tecido no tear de Eliana Yunes em “Escritura: as leituras de Ana e a minha”. Na esteira de seu interesse pelas questões de seu país, a intertextualidade se faz presente, trazendo aos seus leitores com “Uma história Meio ao Contrário” a paródia do conto de fadas. Yunes propõe, então, um sobrevôo à escrita MachadiANA, das Texturas: sobre leituras e escritos (2001), em que demonstrando seu gosto pela pesquisa, Ana Maria Machado associa à escrita ficcional, inventando moças tecelãs, abordando a questão da “Democracia e leitura”, discute “literatura e ensino”. O ponto fulcral está centrado no fato de que a autora conta histórias verdadeiras como se fossem imaginárias. Não há engajamento?

Em “O diálogo entre literatura e história na obra de Ana Maria Machado”, Ilma Vieira, em seu tear, assevera a trança entre as histórias verdadeiras e imaginárias, bordando a metaficção historiográfica, narrativa que se constitui da soma de ficção e história. Postula que algumas obras machadianas — “De olho nas penas”, “Mistérios do mar oceano” e o “Mar nunca transborda”, por exemplo — criam a possibilidade da presença dessa nova perspectiva para a narrativa histórica no texto literário. Neste caso, as obras citadas trazem o contexto histórico da conquista da América pelos europeus, apresentando criticamente os pontos de vista do oprimido e do opressor. Esta abordagem ilustra a feliz possibilidade de a “realidade his-

tórica ser abordada por ângulos diferentes”, possibilitando ao leitor conhecer os múltiplos aspectos da realidade na narrativa ficcional. Assim, o terceiro fio está trançado: a escritora possibilita ao seu leitor o mergulho no universo discursivo, oferecendo-lhe um conjunto de possibilidades de interpretação, levando-o à reflexão e à formação de seu ponto de vista sobre o passado histórico.

Maria Zaira Turchi estabelece as pontes, em “As pontes do outro mundo”, no tecer do quarto fio, a discussão na visão de que existe um distanciamento entre escrever como impulso criativo e escrever para preenchimento de uma faixa etária, obedecendo a fórmulas preestabelecidas. Apresenta o argumento da própria Ana Maria Machado que “as obras de arte conseguem conjugar talento literário e capacidade artística com o desejo de construir pontes entre pessoas de diferentes gerações”. Neste sentido, traz para a reflexão o ofício do fazer literário, comprometido e responsável, do fazer literário e da literatura. Nesta relação historiográfica, as pontes vão sendo construídas, ligando o mundo do leitor a outros mundos, transcendendo fronteiras temporais, de idade, temáticas, estabelecendo, assim, a verdadeira “arte da palavra”.

É nesta perspectiva da arte da palavra, o quinto fio deste tear, que Maria Teresa Gonçalves Pereira tece considerações sobre a linguagem de Ana Maria Machado. Acentua que é uma característica da obra a contundente simplicidade do vocabulário e das estruturas, fazendo com que a leitura flua, envolvendo o leitor, isentando do hermetismo, demonstrando total domínio sobre a língua, preocupando-se em deslitterar a literatura infantil, proporcionando ao discurso um cunho coloquial, tornando-o próximo de seu leitor. Sua característica básica é a manipulação do discurso com eficiência e criatividade, deixando fluir a ludicidade, o poético, trazendo os efeitos de sentidos necessários, garantindo, de um lado, a caracterização fiel dos personagens, a ampliação do ambiente; de outro, determinando uma estreita cumplicidade com seu leitor. Propõe-se, então, a analisar alguns aspectos lúdicos da linguagem MachadiANA, atendo-se aos recursos fono-expressivos e as ocorrências léxico-semânticas, ora decodificando, ora comparando, caracterizando. Por fim, postula que a ordenação dos elementos lingüísticos do ponto de vista sintático é muito menos rígida do que do léxico e o fonológico, posto conciliar os usos tradicionais e as ousadas, fazendo da obra uma eterna apropriação da palavra e das idéias.

No desenho da linguagem do fio do tear, Anete Mariza Di Gregório tece a releitura da obra de Ana Maria Machado afirmando que esta impregna o leitor da sincronia entre o prazer da leitura e do conhecimento da estrutura do idioma. Por isso, ressalta a predominância de uma linguagem coloquial elaborada, a exemplo, de Gonçalves Pereira, ressaltando o uso de diversas formas de adjetivação. Assevera que este uso marca a simplicidade e o refinamento tão próprios da obra da autora, dominando este uso à sua vontade expressiva. Lançando mão dos adjetivos, locuções adjetivas, vocábulos ou expressões que apresentam esta função expressiva, articula os diferentes planos lingüísticos, possibilitando apreender o leitor, ao enredar sua atenção. A partir do entrelaçamento dos diferentes planos, tece a complexa rede de significados, ressaltando sua significação e, por conseguinte, a beleza estética de sua criação. A título de exemplificação, são selecionados seis tipos diferentes dos usos MachadiANOS, quais sejam: a antonomásia, a coloquialização do adjetivo; o jogo metalingüístico do adjetivo; o adjetivo adverbializado; a criação metafórica e a impropriedade adjetiva.

Por fim, o sexto fio é tecido no bordado do supervôo por dois grandes textos: *Bisa Bia, Bisa Bel* e *Bem de seu Tamanho*. Neuza de Carvalho, em “A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel*” apresenta a técnica de composição utilizada pela autora, acentuando um provável ícone da capacidade de comunicação MachadiANA com o leitor jovem, pois este se identifica com a personagem Isabel, ao reconhecer as suas próprias transformações no seu autoconhecimento e na sua auto-afirmação. Carvalho enfatiza que a estreita relação entre a autora/ leitor/ obra se dá, pois este leitor, engedrado na trama MachadiANA vive as frustrações, angústias, desejos e ansiedades, através das falas e dos pensamentos dos personagens, traçando a verossimilhança, mesclando realidade e fantasia, mostrando o consciente e o inconsciente. Benevides, em “Bem do seu tamanho; literatura do diálogo, proposta de questionamento”, postula a intertextualidade existente entre esta obra e os textos clássicos, refletindo, neste caso, sobre o Tamanho. Esta temática é apresentada, considerando três aspectos específicos: tamanho como forma de autonomia do indivíduo; como relação ótica; como algo absoluto, no sentido físico do termo. Estas visões se alternam ao longo da obra, aguçando no leitor o desejo de conhecer os diversos sentidos de um conceito. O intertextual ocorre exatamente quando Helena, prota-

gonista de Bem do seu tamanho, interage com Alice, protagonista de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carol e Emilia, a instigante boneca de Monteiro Lobato.

Para tecer o nó final, entrelaçando as diferentes visões sobre o fazer literário de Ana Maria Machado, Alice Martha analisa obras publicadas nos anos 90, momento em que o leitor MachadiANO toma consciência que os personagens cresceram. Este crescimento dos personagens, entretanto, não distancia Ana Maria Machado da construção temática do modo de ser, da identificação entre os adolescentes e os seres “criados” para o mundo ficcional. Ao contrário, permite-lhes a possibilidade de reflexão sobre sua “nova” condição e de elaboração de sua própria imagem no mundo. Mais uma vez, é ratificada a característica maior deste fazer literário: assim com a literatura infantil e juvenil não é subcategorização da literatura, a adolescência não é vista, em sua obra, como a preparação para a maturidade. Trata-se, na verdade, de uma das etapas da vida, “plena de significado e valor”.

A criação literária de Ana Maria Machado é desafiada neste livro, organizado por dois especialistas em Literatura infantil e juvenil, publicado em um editora universitária, Editora UNESP, tecendo a expressividade da autora, repaldada na teoria literária e na teoria lingüística, trazendo um verdadeiro mosaico de vozes leitoras para todos os leitores, privilegiados desta consagrada autora da literatura nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Benedito & PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (orgs.). *Trança de Histórias: A criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.